PREFEITURA MUNICIPAL DE CONSELHEIRO LAFAIETE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Atividades Pedagógicas – 8ºano Ensino Fundamental
LÍNGUA PORTUGUESA – Data: 13/04/2020

DADOS DO (A) ALUNO (A)	
Escola:	
Nome:	
Ano/Turma:	Professor (a):

Tipos de Sujeito

Sujeito simples: possui apenas um núcleo, ou seja, quando o verbo se refere a uma só palavra.
Sujeito composto: possui mais de um núcleo.
Sujeito oculto ou sujeito desinencial: não está explícito na oração, mas pode ser determinado pela flexão número-pessoal do verbo.
Sujeito indeterminado: não é possível identificar um referente explícito na oração para a flexão verbal.
Sujeito inexistente: A ação expressa pelo verbo não pode ser atribuída a um ser.

Texto I

Borboletas

Victor e Leo

Percebo que o tempo já não passa
Você diz que não tem graça amar assim
Foi tudo tão bonito, mas voou pro infinito
Parecido com borboletas de um jardim

Agora você volta
E balança o que eu sentia por outro alguém
Dividido entre dois mundos
Sei que estou amando, mas ainda não sei quem

Não sei dizer o que mudou
Mas nada está igual
Numa noite estranha a gente se estranha e fica mal
Você tenta provar que tudo em nós morreu
Borboletas sempre voltam
E o seu jardim sou eu

1) Explique, com suas palavras, o título da canção.

2) O sujeito lírico se encontra em um impasse, mas em determinado verso da canção ele dá a entender qual solução deseja. Transcreva o verso em que isso ocorre.

3) Analise o verso a seguir: "**Percebo** que o tempo já não passa". Quem é o agente da ação verbal expressa pela palavra destacada?

4) Leia os versos abaixo:

*"Dividido entre dois mundos/**Sei** que **estou** amando, mas ainda não sei quem..."*

Os verbos destacados se referem a sujeitos:
a) simples, simples. b) inexistente, indeterminado.
c) oculto, oculto. d) indeterminado, composto.

5) Dadas as sentenças:

1- Há papéis jogados na sala.
2- Anoiteceu rapidamente.
3- Ventava muito naquela tarde.

Quanto ao tipo de sujeito das frases acima, assinale a **CORRETA**:

a) Nas frases 1 e 2 as orações são sem sujeito e na 3 o sujeito é indeterminado.
b) Todas são orações sem sujeito.
c) Nas frases 1 e 3 o sujeito é indeterminado; em 2 oração sem sujeito.
d) Na frase 3 o sujeito é simples, nas demais indeterminado.

6) Das seguintes orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos”, “Fazia um calor tremendo naquela tarde” – o sujeito se CLASSIFICA respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

Jovens 'liberais' dão aula pública sobre passagem

Mesmo com pouca idade, o estudante de economia Kim Kataguiri, 18, já fala num tom professoral. Explica teorias econômicas, cita filósofos modernos e faz discursos para a plateia que o ouve no vão livre do Masp.

Ele participava de uma "aula pública" sobre soluções para o transporte público de SP, organizada pelo Movimento Brasil Livre – jovens de classe média que se dizem liberais.

Poucas horas antes do protesto do MPL, Kim explica sua solução: a livre concorrência – argumento contrário ao que prega o Movimento Passe Livre.

(Folha de S. Paulo, 24/01/2015)

7) O texto acima pertence ao gênero:

a) Notícia.
b) Reportagem.
c) Artigo de divulgação científica.
d) Artigo de opinião.

8) Embora não esteja expresso, o sujeito da oração “Explica teorias econômicas” tem como referente “Kim Kataguiri”. Se o redator quisesse recorrer ao sujeito indeterminado, a oração seria

a) Explica-se teorias econômicas.
b) Explicam-se teorias econômicas.
c) Explicam teorias econômicas.
d) São explicadas teorias econômicas.

Índice de Indeterminação do Sujeito: vem acompanhando um ***verbo transitivo indireto***, um ***verbo intransitivo*** (sem sujeito claro), um ***verbo de ligação***. Serve para indicar que o Sujeito da oração é indeterminado.

Atenção! Maneiras práticas para reconhecer o Índice de Indeterminação do Sujeito:

- Quando o “se” for Índice de Indeterminação do Sujeito, o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular;
- Não haverá flexão verbal, ou seja, o verbo não terá de fazer concordância com o sujeito pelo simples fato de que não há sujeito determinado, ou seja, o sujeito não aparece, então, não há como concordar com ele.

7) Identifique as orações em que o “SE” é índice de indeterminação do sujeito.

a) Explicaram-se várias teorias financeiras.
b) Falou-se sobre a importância da responsabilidade.
c) Acreditava-se em muitas teorias.
d) Aceitam-se sugestões e ideias.
e) Discutiu-se o aumento abusivo nas passagens de ônibus.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONSELHEIRO LAFAIETE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Atividades Pedagógicas – 8ºano Ensino Fundamental
LÍNGUA PORTUGUESA – Data: 14/04/2020

DADOS DO (A) ALUNO (A)	
Escola:	
Nome:	
Ano/Turma:	Professor (a):

TESE - constitui a ideia principal para a qual um texto pretende a adesão do leitor ou ouvinte: é o objetivo de convencimento do leitor ou ouvinte.
ARGUMENTOS são os motivos, as razões utilizadas para convencer o leitor da validade da tese.

Leia o texto abaixo e responda ao que se pede.

Texto I

"Na dúvida sobre isolamento? Pense no Presidente da Vale SA decidindo se fechava ou não a Mina do Feijão. O prejuízo seria enorme, empregos seriam perdidos e a economia direta e indireta de Brumadinho afundaria. Decidiu não fechar! Afinal, apesar do risco conhecido, não se tinha certeza se a barragem iria se romper. Se rompesse, não se sabia quantos iam morrer. Fechar seria "irresponsável", ato de um "histérico" e "lunático". Ele preferiu ser apenas o Presidente da Vale! Muitos lhe deram razão. Até aqueles que hoje estão mortos. Mas depois da tragédia consumada, todos o acusam de criminoso. Ninguém duvida que ele tomou a decisão errada. Mas aí, já era tarde."
(Autor desconhecido)

Texto II

Estudo contratado pela Vale confirma que barragem em Brumadinho se rompeu por liquefação

A barragem B1, da Mina Córrego do Feijão, se rompeu em 25 de janeiro e vitimou 270 pessoas. **Peritos já identificaram 257 mortos**. Outras 13 pessoas ainda estão desaparecidas. Esta é a primeira vez que a causa do rompimento é divulgada. A Polícia Civil de Minas Gerais disse, em 28 de novembro, que **havia concluído o laudo sobre o desastre**, mas não revelou o resultado da perícia.

(Fragmento - Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/12/12/estudo-contratado-pela-vale-diz-que-barragem-em-brumadinho-se-rompeu-por-liquefacao.ghtml Acesso em: 05/04/2020)

1) A respeito do isolamento social no período de quarentena estipulado pelo Poder Público:
   a) Qual a tese (ideia) que o autor defende? Ele concorda com a quarentena ou não?

   b) Qual o argumento que ele usa para defender seu ponto de vista?

2) Qual a tragédia a que se refere o texto I?

3) A respeito dos tipos de sujeito empregados no texto 2 é **CORRETO** afirmar que.
   a) Orações com sujeito simples são pouco comuns em notícias, como se pode perceber o texto.
   b) Há duas orações no texto com sujeito indeterminado.
   c) Em "Outras 13 pessoas ainda estão desaparecidas", há um sujeito composto.
   d) Não há, no texto, orações sem sujeito.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA	
Palavras oxítonas	são acentuadas quando terminados em -a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens.
Palavras paroxítonas	Acentuam-se as terminadas em -l, -i/is, -n, -us, -r, -x, -ã/ãs, -ão/ãos, -on/ons, -um/-uns, -ei(s), -ps.
Palavras proparoxítonas	Todas são acentuadas.

Origem do ovo de páscoa

Na Páscoa, a celebração da morte e ressurreição de Cristo serve como um momento especial para que os cristãos reflitam sobre o significado da vida e do sacrifício daquele que fundou uma das maiores religiões do mundo. Contudo, muitos não conseguem visualizar qual a relação existente entre essa celebração de caráter religioso com o hábito de se presentear as pessoas com ovos de chocolate.

A História antes do Ovo de chocolate...

Para responder a essa pergunta, precisamos voltar no tempo em que o próprio cristianismo estava longe de se tornar uma religião. Em várias antigas culturas espalhadas no Mediterrâneo, no Leste Europeu e no Oriente, observamos que o uso do ovo como presente era algo bastante comum. Em geral, esse tipo de manifestação acontecia quando os fenômenos naturais anunciavam a chegada da primavera.

Não por acaso, vários desses ovos eram pintados com algumas gravuras que tentavam representar algum tipo de planta ou elemento natural. Em outras situações, o enfeite desse ovo festivo era feito através do cozimento deste junto a alguma erva ou raiz impregnada de algum corante natural. Atravessando a Antiguidade, este costume ainda se manteve vivo entre as populações pagãs que habitavam a Europa durante a Idade Média.

Nesse período, muitos desses povos realizavam rituais de adoração para Ostera, a deusa da Primavera. Em suas representações mais comuns, observamos esta deusa pagã representada na figura de uma mulher que observava um coelho saltitante enquanto segurava um ovo nas mãos. Nesta imagem há a conjunção de três símbolos (a mulher, o ovo e o coelho) que reforçavam o ideal de fertilidade comemorado entre os pagãos.

A mulher, o ovo e o coelho

A entrada desses símbolos para o conjunto de festividades cristãs aconteceu com a organização do Concílio de Niceia, em 325 d.C.. Neste período, os clérigos tinham a expressa preocupação de ampliar o seu número de fiéis por meio da adaptação de algumas antigas tradições e símbolos religiosos a outros eventos relacionados ao ideário cristão. A partir de então, observaríamos a pintura de vários ovos com imagens de Jesus Cristo e sua mãe, Maria.

No auge do período medieval, nobres e reis de condição mais abastada costumavam comemorar a Páscoa presenteando os seus com o uso de ovos feitos de ouro e cravejados de pedras preciosas. Até que chegássemos ao famoso (e bem mais acessível!) ovo de chocolate, foi necessário o desenvolvimento da e, antes disso, a descoberta do continente americano.

Ao entrarem em contato com os maias e astecas, os espanhóis foram responsáveis pela divulgação desse alimento sagrado no Velho Mundo. Somente duzentos anos mais tarde, os culinaristas franceses tiveram a ideia de fabricar os primeiros ovos de chocolate da História. Depois disso, a energia desse calórico extrato retirado da semente do cacau também reforçou o ideal de renovação sistematicamente difundido nessa época.

Por Rainer Sousa Graduado em História

4) O texto tem como objetivo principal explicar:
   a) A importância da páscoa para os cristãos.
   b) Como os ovos de chocolate passaram a fazer parte da celebração pascoal.
   c) Como se deve celebrar a páscoa.
   d) A relação entre fertilidade e páscoa.

5) Segundo o texto, os ovos de chocolate
   a) Os ovos oferecidos de presente na páscoa, a princípio, não eram de chocolate.
   b) Os ovos de chocolate sempre fizeram parte da celebração da páscoa.
   c) O Concílio de Niceia introduziu o costume de se presentear as pessoas com ovos de chocolate na páscoa.

d) Nobres e reis de condição mais abastada costumavam presentear-se com ovos pintados com algumas gravuras de planta ou elementos naturais.

6) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação:
   a) Caráter, culinária, também.
   b) Várias, próprio, período, hábito
   c) História, responsáveis, sacrifício
   d) Existente, ideia, acessível

7) Acentue a palavra quando for necessário.
   a) Secretaria (local), secretaria (pessoa).
   b) Analise (nome do ato de analisar), analise (ordem para se analisar algo).
   c) Doido (doloroso), doido (sem juízo).
   d) Carne (alimento), carne (prestação).
   e) Medico (profissional), medico (dar medicação)

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONSELHEIRO LAFAIETE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Atividades Pedagógicas – 8ºano Ensino Fundamental
LÍNGUA PORTUGUESA – Data: 15/04/2020

DADOS DO (A) ALUNO (A)	
Escola:	
Nome:	
Ano/Turma:	Professor (a):

O texto a seguir foi extraído de uma das obras do escritor brasileiro Monteiro Lobato. Considere-o para responder às seguintes questões.

"A vida é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem para de piscar chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme e acorda, dorme e acorda, até que dorme e não acorda mais. A vida das gentes neste mundo é isso. Um rosário de piscados. Cada pisco é um dia. ***Pisca e mama, pisca e brinca, pisca e estuda, pisca e ama, pisca e cria filhos, pisca e geme os reumatismos***, e por fim pisca pela última vez e morre. E depois que morre? Depois que morre, vira hipótese".

(Trecho com adaptações).

1) Em relação à interpretação do texto, pode-se afirmar que:
   a) é uma mensagem motivacional aos que não piscam mais.
   b) o autor faz uma associação entre viver e piscar.
   c) faz uma afirmação segura sobre a vida após a morte.
   d) propõe uma crítica às pessoas que piscam demais

2) Em determinado momento do texto, o autor compara a vida a um "rosário de piscados". Nesse contexto, o termo "rosário" quer dizer:
   a) paixão. b) devoção. c) martírio. d) sequência.

3) No trecho destacado, o autor relaciona cada piscar com as fases da vida. A que fase da vida corresponde cada expressão?
   a) Pisca e mama. _____
   b) Pisca e cria filhos._____
   c) Pisca e geme os reumatismos. _____

4) Segundo o autor do texto o que ocorre depois da morte? Explique com suas palavras o que ele quis dizer.

É melhor estourar ou conservar bolhas de queimadura na pele?

Retroceder, nunca. Estourá-las, jamais.

É o que recomenda a medicina, Pâmela. Por mais que as bolhas a incomodem e convidem para uma cutucada, danificá-las lhes tiraria a função principal: ser um curativo natural, um band-aid customizado, feito com sua própria pele.

Se a tentação for irresistível, rola até uma exceção: no caso de a bolha estar dura, dá para fazer um furinho e esvaziá-la, mas sem remover-lhe a parte superior. O jeito mais recomendado de se livrar das inconvenientes redomas epiteliais é hidratar o local da queimadura com óleo mineral ou vaselina líquida, até que o tecido danificado se regenere e ela perca a serventia.

Da próxima vez que pisar numa cozinha, Pâmela, proteja-se contra ameaças cortantes, perfurantes e incandescentes.

Pergunta enviada por Pâmela Carbonari - Fonte: adaptado de Revista Superinteressante, 2017.

5) Analise as afirmações em relação as informações do texto e marque **C** (correto) ou **I** (incorreto).
   (__) I - No texto, o autor compara bolhas de queimadura a um *band-aid*.
   (__) II - Bolhas de queimadura funcionam como um curativo produzido pela própria pele.
   (__) III - Durante o processo de regeneração, o tecido da pele se renova, e a bolha perde a serventia.
   (__) IV - Pode-se injetar vaselina líquida ou óleo mineral dentro da bolha.

6) O autor faz uma série de observações acerca das bolhas de queimaduras. Assinale a alternativa que NÃO corresponde a essas informações do texto:
   a) Bolhas se regeneram. b) Bolhas incomodam.
   c) Bolhas podem ficar duras. d) Bolhas são inconvenientes.

7) Segundo o texto não se deve estourar as bolhas de queimaduras porque:
   a) Elas se regeneram.
   b) Elas não são tão incômodas quanto a ardência causada por estourá-las.
   c) Isso pode aumentar a área queimada.
   d) Elas são a forma de o corpo proteger a queimadura até que a pele se regenere.

Leia o texto abaixo e responda o que se pede.

Na escola:
- Joãozinho, conjugue o verbo “andar”.
- Eu, eu, ..., eu, ... eu ando ... tu, .. isso, tu andas ...
- Mais rápido!
- Ele corre, nós corremos, vós correis, eles correm.

8) O humor do texto acima advém de:
   a) Interpretação errônea.
   b) Verbo correr.
   c) Verbo andar.
   d) Aula da professora.

9) O texto acima tem como objetivo principal
   a) Fornecer uma informação.
   b) Comover o leitor.
   c) Entreter o leitor.
   d) Criticar um comportamento.

10) Assinale a alternativa em que o verbo impessoal foi conjugado de modo incorreto.
   a) Haviam muitas pessoas aqui.
   b) Teria de fazer o certo.
   c) Não existe pecado ao sul do Equador.
   d) Cansei desta vida vazia.

Texto para a questão 11.

Simão Botelho amava. Aí está uma palavra única, explicando o que parecia absurda reforma aos dezessete anos.

Amava Simão uma sua vizinha, menina de quinze anos, rica herdeira, regularmente bonita e bem-nascida. Da janela do seu quarto é que ele a vira a primeira vez, para amá-la sempre. Não ficara ela incólume da ferida que fizera no
coração do vizinho: amou-o também, e com mais seriedade que a usual nos seus anos.

Os poetas cansam-nos a paciência a falarem do amor da mulher aos quinze anos, como paixão perigosa, única e
inflexível. Alguns prosadores de romances dizem o mesmo. Enganam-se ambos. O amor dos quinze anos é uma brincadeira; é a última manifestação do amor às bonecas; é a tentativa da avezinha que ensaia o voo fora do ninho, sempre com os olhos fitos na ave-mãe, que a está da fronde próxima chamando; tanto sabe a primeira o que é amar muito, como a segunda o que é voar para longe.

Teresa de Albuquerque devia ser, porventura, uma exceção no seu amor.

(Camilo Castelo Branco, Amor de perdição)

11) De acordo com o narrador do excerto acima, o amor entre Simão e sua vizinha
   a) apresentava traços intensos de inexperiência e infantilidade.
   b) se caracterizava como uma paixão avassaladora, mas passageira.
   c) era surpreendente devido à maturidade incomum em jovens casais.
   d) provava que os poetas iludem-se ao julgarem relacionamentos juvenis.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONSELHEIRO LAFAIETE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Atividades Pedagógicas – 8ºano Ensino Fundamental
LÍNGUA PORTUGUESA – Data: 16/04/2020

DADOS DO (A) ALUNO (A)	
Escola:	
Nome:	
Ano/Turma:	Professor (a):

No Retiro da Figueira

(Moacyr Scliar)

Sempre achei que era bom demais. O lugar, principalmente. O lugar era... era maravilhoso. Bem como dizia o prospecto: maravilhoso. Arborizado, tranquilo, um dos últimos locais – dizia o anúncio – onde você pode ouvir um bem-te-vi cantar. Verdade: na primeira vez que fomos lá ouvimos o bem-te-vi. E também constatamos que as casas eram sólidas e bonitas, exatamente como o prospecto as descrevia: estilo moderno, sólidas e bonitas. Vimos os gramados, os parques, os pôneis, o pequeno lago. Vimos o campo de aviação. Vimos a majestosa figueira que dava nome ao condomínio: Retiro da Figueira.

Mas o que mais agradou à minha mulher foi a segurança. Durante todo o trajeto de volta à cidade – e eram uns bons cinquenta minutos – ela falou, entusiasmada, da cerca eletrificada, das torres de vigia, dos holofotes, do sistema de alarmes – e sobretudo dos guardas. Oito guardas, homens fortes, decididos – mas amáveis, educados. Aliás, quem nos recebeu naquela visita, e na seguinte, foi o chefe deles, um senhor tão inteligente e culto que logo pensei: “ah, mas ele deve ser formado em alguma universidade”. De fato: no decorrer da conversa ele mencionou – mas de maneira casual – que era formado em Direito. O que só fez aumentar o entusiasmo de minha mulher.

Ela andava muito assustada ultimamente. Os assaltos violentos se sucediam na vizinhança; trancas e porteiros eletrônicos já não detinham os criminosos. Todos os dias sabíamos de alguém roubado e espancado; e quando uma amiga nossa foi violentada por dois marginais, minha mulher decidiu – tínhamos de mudar de bairro. Tínhamos de procurar um lugar seguro.

Foi então que enfiaram o prospecto colorido sob nossa porta. Às vezes penso que se morássemos num edifício mais seguro o portador daquela mensagem publicitária nunca teria chegado a nós, e, talvez... Mas isto agora são apenas suposições. De qualquer modo, minha mulher ficou encantada com o Retiro da Figueira. Meus filhos estavam vidrados nos pôneis. E eu acabava de ser promovido na firma. As coisas todas se encadearam, e o que começou com um prospecto sendo enfiado sob a porta transformou-se – como dizia o texto – num novo estilo de vida.

Não fomos os primeiros a comprar casa no Retiro da Figueira. Pelo contrário; entre nossa primeira visita e a segunda – uma semana após – a maior parte das trinta residências já tinha sido vendida. O chefe dos guardas me apresentou a alguns dos compradores. Gostei deles: gente como eu, diretores de empresa, profissionais liberais, dois fazendeiros. Todos tinham vindo pelo prospecto. E quase todos tinham se decidido pelo lugar por causa da segurança.

Naquela semana descobri que o prospecto tinha sido enviado apenas a uma quantidade limitada de pessoas. Na minha firma, por exemplo, só eu o tinha recebido. Minha mulher atribuiu o fato a uma seleção cuidadosa de futuros moradores – e viu nisso mais um motivo de satisfação. Quanto a mim, estava achando tudo muito bom. Bom demais.

Mudamo-nos. A vida lá era realmente um encanto. Os bem-te-vis eram pontuais: às sete da manhã começavam seu afinado concerto. Os pôneis eram mansos, as aleias ensaibradas estavam sempre limpas. A brisa agitava as árvores do parque – cento e doze, bem como dizia o prospecto. Por outro lado, o sistema de alarmes era impecável. Os guardas compareciam periodicamente à nossa casa para ver se estava tudo bem – sempre gentis, sempre sorridentes. O chefe deles era uma pessoa particularmente interessada: organizava festas e torneios,

preocupava-se com nosso bem-estar. Fez uma lista dos parentes e amigos dos moradores – para qualquer emergência, explicou, com um sorriso tranquilizador. O primeiro mês decorreu – tal como prometido no prospecto – num clima de sonho. De sonho, mesmo.

Uma manhã de domingo, muito cedo – lembro-me que os bem-te-vis ainda não tinham começado a cantar – soou a sirene de alarme. Nunca tinha tocado antes, de modo que ficamos um pouco assustados – um pouco, não muito. Mas sabíamos o que fazer: nos dirigimos, em ordem, ao salão de festas, perto do lago. Quase todos ainda de roupão ou pijama.

O chefe dos guardas estava lá, ladeado por seus homens, todos armados de fuzis. Fez-nos sentar, ofereceu café. Depois, sempre pedindo desculpas pelo transtorno, explicou o motivo da reunião: é que havia marginais nos matos ao redor do Retiro e ele, avisado pela polícia, decidira pedir que não saíssemos naquele domingo.

– Afinal – disse, em tom de gracejo – está um belo domingo, os pôneis estão aí mesmo, as quadras de tênis...

Era mesmo um homem muito simpático. Ninguém chegou a ficar verdadeiramente contrariado.

Contrariados ficaram alguns no dia seguinte, quando a sirene tornou a soar de madrugada. Reunimo-nos de novo no salão de festas, uns resmungando que era segunda-feira, dia de trabalho. Sempre sorrindo, o chefe dos guardas pediu desculpas novamente e disse que infelizmente não poderíamos sair – os marginais continuavam nos matos, soltos. Gente perigosa; entre eles, dois assassinos foragidos. À pergunta de um irado cirurgião o chefe dos guardas respondeu que, mesmo de carro, não poderíamos sair; os bandidos poderiam bloquear a estreita estrada do Retiro.

– E vocês, por que não nos acompanham? – perguntou o cirurgião.

– E quem vai cuidar da família de vocês? – disse o chefe dos guardas, sempre sorrindo.

Ficamos retidos naquele dia e no seguinte. Foi aí que a polícia cercou o local: dezenas de viaturas com homens armados, alguns com máscaras contra gases. De nossas janelas nós os víamos e reconhecíamos: o chefe dos guardas estava com a razão.

Passávamos o tempo jogando cartas, passeando ou simplesmente não fazendo nada. Alguns estavam até gostando. Eu não. Pode parecer presunção dizer isto agora, mas eu não estava gostando nada daquilo.

Foi no quarto dia que o avião desceu no campo de pouso. Um jatinho. Corremos para lá.

Um homem desceu e entregou uma maleta ao chefe dos guardas. Depois olhou para nós – amedrontado, pareceu-me – e saiu pelo portão da entrada, quase correndo.

O chefe dos guardas fez sinal para que não nos aproximássemos. Entrou no avião. Deixou a porta aberta, e assim pudemos ver que examinava o conteúdo da maleta. Fechou-a, chegou à porta e fez um sinal. Os guardas vieram correndo, entraram todos no jatinho. A porta se fechou, o avião decolou e sumiu.

Nunca mais vimos o chefe e seus homens. Mas estou certo que estão gozando o dinheiro pago por nosso resgate. Uma quantia suficiente para construir dez condomínios iguais ao nosso – que eu, diga-se de passagem, sempre achei que era bom demais.

(*Os melhores contos*. 2. Ed. São Paulo, Global, 1968.)

1) O texto pertence ao gênero:
   a) Crônica. b) Fábula. c) Conto. d) Notícia.

2) O foco narrativo está
   a) Em 1ª pessoa, pois o narrador participa da história.
   b) Em 2ª pessoa, pois o narrador conta a um amigo algo quer aconteceu enquanto este estava inconsciente.
   c) Em 3ª pessoa, pois narrador é observador.
   d) Em 3ª pessoa, pois o narrador conta uma história que inventou.

3) Assinale o ditado popular que condiz com a frase “Sempre achei que era bom demais”, empregada pelo narrador.
   a) Quando a esmola é demais, o santo desconfia.

b) A cavalo dado não se olham os dentes.
c) Em casa de ferreiro, o espeto é de pau.
d) Muito riso, pouco siso.

4) Qual característica do “Retiro da Figueira” a esposa do narrador mais gostou? Ela se revelou verdadeira ao longo do texto? Explique.

5) O que, a princípio, parecia ser um lugar calmo e seguro, era na verdade:
a) Um condomínio muito bagunçado.
b) Um condomínio invadido por grileiros.
c) Um cativeiro.
d) Uma floresta de mata virgem.

6) No trecho “O lugar era... era maravilhoso” as reticências foram utilizadas para
a) Marcar hesitação na fala. b) Denotar alegria.
c) Encerrar o período. d) Denotar a raiva do narrador.

7) Identifique o sujeito de cada um dos verbos destacados abaixo e classifique-o.
a) “Sempre **achei** que era bom demais.” _____
b) “**dizia** o anúncio”. _____
c) “trancas e porteiros eletrônicos já não **detinham** os criminosos”._____
d) “Foi então que **enfiaram** o prospecto colorido sob nossa porta.” _____
e) “**havia** marginais nos matos” _____

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONSELHEIRO LAFAIETE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Atividades Pedagógicas – 8ºano Ensino Fundamental
LÍNGUA PORTUGUESA – Data: 17/04/2020

DADOS DO (A) ALUNO (A)	
Escola:	
Nome:	
Ano/Turma:	Professor (a):

Diário

Texto 1

[…] 8 de outubro – sábado – 3º dia de mar

Hoje minha mãe acordou só às nove horas […]. As aulas começaram só mais tarde. Fiz uma redação: A Máquina do Tempo. […] O vento está fraco e o barco só anda cinco nós. […] Minha mãe quebrou uma obturação no dente, quando mordeu um caroço de ameixa. Ela vive dizendo para a gente não fazer isso! Aí meu pai pegou a caixa de instrumentos e deu uma de dentista e consertou o dente dela.

Diário de Bordo de Wilhelm: dez anos no mar. Schurmann Blog, 26 maio 2015. Disponível em: <http://schurmann.com.br/pt/diario-de-bordo-de-wilhelm-dez-anos-no-mar/>. Acesso em: 4 dez. 2018.

Texto 2

14 de Abril de 2015: 31 anos no mar […]

Hoje, 31 anos depois, sempre que penso naquele dia, me lembro do friozinho na barriga, do medo de estar tomando uma decisão errada. Mas vendo o brilho nos olhos de nossa pequena e valente tripulação, de repente tive certeza de que estava fazendo a escolha certa. […]

14 de abril de 2015: 31 anos no mar. Schurmann Blog, 14 abr. 2015. Disponível em: <http://schurmann.com.br/pt/14-de-abril-de-2015-31-anos-no-mar/>. Acesso em: 4 dez. 2018.

Estudo do texto

1. A família Schurmann ficou conhecida por sua experiência em alto-mar e por compartilhar essa vivência em um diário. Há marcas desse gênero presentes nos dois textos. Identifique-as.
2. Os textos foram escritos por membros da família Schurmann. Comumente, uma página de diário é escrita para a própria pessoa ler em um outro momento. Por que esse diário não se enquadra nessa condição?
3. Você tem um diário? O que você costuma registrar nele? Se não tem, o que você acha interessante escrever em um diário?

Produção escrita

Em um diário, escreve-se o que aconteceu. O filho do casal Schurmann, por exemplo, relata seu dia, seu compromisso e as aulas que, nesse caso, eram dadas pela mãe. Entretanto, um diário também é um espaço para se registrar problemas, dificuldades, decisões importantes e reflexões. Sua tarefa é escrever uma página de diário que expresse sua reflexão pessoal. Inspire-se na informação dada no segundo texto: o medo de estar tomando uma decisão errada de levar os filhos pequenos ao mar.

- Pense em alguma situação que você vivenciou e que tenha enfrentado problemas.
- Reflita sobre as emoções relacionadas a essa situação e retome os pensamentos que você teve na época.
- Desenvolva a página de seu diário escrevendo suas reflexões.